



Domingo de Pentecostes (15/05/2005)

1ª leitura – Ezequiel 11.17-20 (1ª opção)

Este recorte faz parte da seção que começa com o capítulo 8 e termina em 11.25. Nessa narrativa e visão, Ezequiel é transportado do exílio na Babilônia, para Jerusalém. Terminada a visão em Jerusalém, ele é transportado de novo, também em visão, para a Babilônia. Nessa visão, Ezequiel contempla a idolatria em Jerusalém. Essa idolatria levou Israel à dispersão, ao desmoronamento do relacionamento entre as pessoas e as estruturas morais, sociais e políticas a se degradarem. Na visão do Antigo Testamento, a idolatria não é alguma coisa que ocorre apenas na esfera religiosa. A idolatria é, acima de tudo, a substituição do Deus que libertou Israel da escravidão, pela produção humana. Esse Deus concedeu o pacto com esse povo resgatado da escravidão. Por isso, a idolatria está associada com os meios que legitimam a injustiça, opressão e desigualdade.

A idolatria e a injustiça levaram o povo ao exílio, isto é, à destruição da terra e à dispersão do povo que voltou a ser escravo. As palavras finais dessa seção onde Ezequiel tem a visão da idolatria em Jerusalém representam as boas novas. Deus reunirá os dispersos na terra. Deixarão de ser ídólatras. Terão um novo coração para andar nos juízos de Deus, coração dócil, não mais de pedra. Vemos, assim, a promessa da transformação de um conjunto muito importante da terra, onde se constrói a vida com Deus e uns com os outros. A terra, na visão do Antigo Testamento, está associada com a fé, a cultura, a política e a economia. (*Dom Sumio Takatsu*)

2ª opção - Atos 2.1-11

O Pentecostes era a festa judaica que celebrava a renovação da Aliança. Passados cinquenta dias após a Páscoa, os discípulos e as mulheres permaneciam orando e aguardando pelo cumprimento da promessa de Cristo. Essa espera não envolvia qualquer artifício humano para "provocar" a vinda do Espírito. Afinal, não é possível ao ser humano controlar o Espírito que é vento livre. Por isso, o autor da narrativa insere abruptamente a expressão "De repente..." (v.2), deixando claro que o Espírito age quando quiser.

A descrição do capítulo 4 dá a entender que os discípulos passaram realmente por uma experiência extática. Do ponto de vista fenomenológico, o êxtase religioso (inclusive com o fenômeno da glossalalia – falar em outras línguas) acontece em todas as religiões e não é característica própria do cristianismo.

A experiência pentecostal atrai a curiosidade dos judeus presentes à festa. Mas exatamente aí reside o diferencial da experiência cristã com o Espírito: "cada qual os ouvia falar em seu próprio idioma" (v.6). O maior milagre que o Espírito oferece à Igreja aqui não é propriamente o de falar em línguas estranhas, mas o de falar na língua do povo.



A seqüência do texto descreve várias culturas ali representadas, com suas diferentes línguas. Curioso é observar que os romanos (povo dominador) aparecem no final da lista. O Espírito, quando vem, subverte os padrões culturais. Acima de tudo, o mais importante é frisar que o resultado do agir do Espírito na vida da Igreja é levar todos os povos a ouvirem em suas próprias línguas e culturas, "as maravilhas e grandezas de Deus". (Rev. Carlos Eduardo Calvani)

2ª leitura – I Coríntios 12.4-11

"Diversidade" - essa palavra é freqüentemente repetida no trecho em questão. Porém, tal diversidade nasce de um mesmo Espírito, o Espírito que outorga diferentes dons (v.4), ministérios (v.5) e formas de agir (v.6). Toda essa vitalidade encontrada nas comunidades nasce do mesmo Espírito que opera tudo em todos e por isso todos são importantes.

A cultura atual que valoriza as aparências e as coisas grandiosas que trazem status se infiltra na igreja quando consideramos que certas pessoas são mais importantes que outras. Infelizmente não é comum ouvirmos relatos ainda hoje de párocos que, antes da celebração, espiam a comunidade para ver se tal família já chegou, ou que menosprezam pessoas que aparentemente nada têm a oferecer. Mas todos os que fazem parte do corpo de Cristo têm algo a oferecer – seja na forma de apoio direto em visitas, na condução da música, na organização de eventos, na decoração, no sodalício do altar, no zelo e cuidado pelo patrimônio, nas novas idéias e sugestões para dinamização da comunidade ou simplesmente na oração e apoio silenciosos mas constantes. Todas essas expressões, por menores que pareçam, são importantes porque "a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil" (v.7). Por isso somos Corpo de Cristo.

Paulo fala de diferentes manifestações: palavra de sabedoria e ciência (pode ser um conselho oportuno ou certa capacidade para o ensino teológico e a catequese), fé (compreendendo-se aqui o dinamismo para animar outros na fé cristã), dons de curar (não apenas através da oração, mas também do auxílio terapêutico, na capacidade de ouvir e acolher quem sofre perturbações ou a disponibilidade para auxiliar pessoas em tratamento de saúde), operação de milagres (gente que consegue "tirar leite de pedra" e promover no meio da comunidade algo que até pareceria inalcançável), profecia (discernimento crítico do presente e anúncio de alternativas para o futuro), discernimento de espíritos, etc.

Enfim, o Corpo de Cristo é abençoado com muitos e diferentes dons. A beleza dessa diversidade, porém, nasce da riqueza de uma só fonte: o Espírito Santo de Cristo que "distribui particularmente a cada um como quer" (v.12). Por isso é importante que a liderança comunitária tenha o devido discernimento para não cobrar ou exigir de algumas pessoas que exerçam cargos ou assumam responsabilidades para as quais não têm dons. O importante é sabermos identificar os dons que cada um tem e montarmos uma grande orquestra comunitária, na qual cada naípe toca um



instrumento diferente, mas cujo resultado final é o bem comum (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).

Santo Evangelho João 20.19-23 ou João 14.1-14

O/a pregador/a poderá relembrar alguns aspectos do que já foi dito no comentário do 2º Domingo da Páscoa (João 20), enfatizando principalmente a íntima ligação entre a dádiva do Espírito Santo e a prática da comunidade que vive desse Espírito. A missão da comunidade é fazer brilhar no mundo a glória do Pai. Diante dessa luz, as pessoas se pronunciam positiva ou negativamente. Quando alguém rompe com o pecado e a injustiça que são legitimados no mundo e se propõe a viver conforme a mensagem de Cristo, essa pessoa é admitida na comunidade cristã, assumindo o compromisso de romper com a injustiça e declarando que o pecado que domina o mundo já não terá domínio sobre ela. Essa é a afirmação que fazemos nas promessas batismais reafirmadas no rito da confirmação: "Renuncias ao mal e a todos os seus poderes que se rebelam contra Deus, corrompem e destroem as criaturas e nos afastam do amor de Deus? – Renuncio" (LOC pg. 164 – Ofício de Batismo) e "Reafirmas a tua renúncia ao mal"- Sim" (LOC, pg. 177 – Ofício de Confirmação).

Contudo, os que persistem deliberadamente no pecado e na injustiça, comprovam por si próprios que nunca, de fato, renunciaram a tudo isso. Por isso não devem ter influência sobre a comunidade, enquanto não se arrependem verdadeiramente (e para isso, a Igreja oferece na liturgia, a oportunidade do arrependimento, reconhecimento sincero do pecado e conseqüente absolvição).

Podemos recordar também o comentário do 5º domingo da Páscoa (João 14), destacando a insensibilidade de Filipe ao pedir alguma manifestação extraordinária do Pai, sem perceber sua ação ordinária na vida de Cristo. Porém, quem optar pelo capítulo 14, terá alguns versículos a mais na continuidade daquele discurso de Cristo, para meditar sobre o Espírito Santo: sua atividade enquanto Paráclito – aquele que consola os que lamentam a ausência de Cristo e ao mesmo tempo atualiza o ministério e obra de Cristo na vida da comunidade. Por ser o mesmo Espírito de Cristo é "espírito de verdade", em oposição ao princípio que age no mundo. O Espírito Santo adquire, nesse texto, características nada sentimentais. Ao contrário, por ser "Espírito da verdade", não compactua com a mentira do mundo. Por isso o mundo "não o pode acolher, porque não o vê nem o conhece" (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).